

O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeñeres

ANO II — N. 7

RIO DE JANEIRO, 1 DE FEVEREIRO DE 1917

REDAÇÃO:

RUA DO SENADO, 218-217
Telefone C. 1.499

Os impostores profissionais

MEDEIROS E ALBUQUERQUE E OS OPERARIOS

"Não é digno de trabalhadores honestos e conscienciosos deixarem-se explorar por agitadores profissionais".

Essa calúnia com a qual o Sr. Medeiros e Albuquerque pretende ferir o proletariado consciente que neste momento angustioso de misérias e sofrimentos, pretende organizar uma séria de comícios públicos nos quais analisar-se-á os fatores da tremenda crise econômica que abala os alicerces da sociedade capitalista, não é ironia, é antes um escarneo lançado às faces daqueles que vivendo na mais aviltante das misérias, privado de todos os direitos à vida, vêm-se na continência de protestar veementemente contra os abusos dos potentados que ameaçam arrebatar-lhe o mísero pedaço de pão que lhes resta ainda nos seus lares.

A calúnia é a arma predileta da impotência, e quando uma inteligência vivaz como a de Medeiros e Albuquerque se sente impelida a lançar mão dela para justificar o mal estar do proletariado como lei natural, é uma consequência lógica do arrojo de propor-se a defender uma causa que está fóra de todos os princípios de justiça.

Quando o poder incontestável da lógica não proporciona irrefutáveis argumentos aos indivíduos para defender uma determinada teze, eles podem possuir uma clara inteligência e um poder de expressão incomparável, que não evitarão que a sua causa seja um caso irremediavelmente perdido.

Não importa que a sociedade capitalista conte com um elevado numero de defensores como Medeiros e Albuquerque. A cada momento acentua-se com mais evidencia a ineficacia dos seus processos indignos, com os quais patrocinam a causa dos privilegiados.

Nada mais fácil do que as eminências da literatura dourada manejar as armas indecorosas da mentira para estabelecer a discordia no seio do proletariado e estacionar as suas mais nobres aspirações num ambiente asfixiante de pessimismo e desconfiança.

Esse é o complemento da obra organizada pelo Estado nas escolas públicas.

A imprensa e os jornalistas, os literatos e a literatura, estão à altura da sua missão na sociedade atual. Dezempenham brilhantemente o papel indigno que lhes foi confiado pelos seus amos. Assim procedendo os luminares da literatura burguesa não fazem mais do que cumprir um sagrado dever de classe. Mas a sociedade capitalista está em franca bancarrota e não serão certamente os "profissionais do embuste", como Medeiros e Albuquerque, que esgrimindo a calúnia, hão de evitar a sua capitulação perante o tribunal da justiça popular. Os seus alicerces estão sendo corroidos lentamente pelo cancrio dos seus próprios metodos e costumes.

A incapacidade dirigente da burguezia a cada momento manifesta-se com mais evidencia. E' uma arvore que não tem mais seiva para dar o fruto prometido pelos seus cultivadores.

Ela não satisfaz as necessidades da maioria da humanidade e, portanto, a essa maioria sacrificada em holocausto à mitologia cabe o direito de lutar pelo seu desmoronamento imediato afim de sobre os seus escombros construir os sólidos alicerces de uma sociedade mais justa e mais equitativa que vivifique com o habito do bem estar a todos os seus membros, a humanidade em geral.

E não será certamente o furor da critica do proletariado militante contra a sociedade capitalista o maior fator do seu desmembramento geral.

Aqueles que, como Medeiros e Albuquerque, julgam poder prolongar a sua combalida existencia com os seus conselhos jornalísticos e sportivos dirigidos a operarios famintos e escarnejados, são os que precipitam a sua derrocada final.

Na dizer desse publicista, são os "agitadores profissionais" que estão promovendo essa propaganda "atipatriótica", patrocinada pela Federação Operaria, tendo em vista iludir o proletariado afim de levar-o a uma revolução ingloria.

Ajitadores profissionais!
Mas que pretende dizer-nos com a velharia desse chavão com que se procura sempre inquirar aqueles que em todos os tempos têm a ativez precisa para proclamarem a verdade?

Não estará prejudgando quando nos dispensa o titulo de agitadores profissionais?

Ignoravamos que reservar uma ou duas horas do nosso descanso para exteriorizar as nossas aspirações e criticar atos desonestos praticados pelos governantes era ser agitador profissional.

Foi necessario que um luminar da literatura viesse de espirito prevenido e com requintada má fé, pelas colunas da "Noite", para perversamente apotrofar a nossa dignidade de trabalhadores honrados com o epiteto de agitadores profissionais.

Não seria mais digno que o Sr. Medeiros e Albuquerque procurasse conhecer os trabalhadores que estão promovendo essa agitação para convencer-se de que eram rudes trabalhadores de mãos calejadas, que acoçados pelo mal estar economico, são o rélexo do descontentamento geral do proletariado? Certamente que seria mais logico e mais honesto esse gesto do que combater moinhos de vento, caluniar a honrados trabalhadores que pelo simples fato de sentirem angustias economicas e protestarem dezassombadamente contra as suas condições de vida na sociedade capitalista, sem serem conhecidos pelo Sr. Medeiros, mereceram, no entanto, a pecha de agitadores profissionais.

Isso seria evidentemente um ato louvabilissimo, de justiça, até, mas si o notavel jornalista procedesse tão criteriosamente "violaria um dos artigos de fé" do seu meio social: a calúnia. Já temos demaziadamente comentado a parte do artigo em questão, parte essa que mais atinje a dignidade do proletariado militante.

Vamos agora entrar em considerações de ordem economica a proposito dos meios que nos aconselha para a solução pratica da prezente situação de miséria que nos esmagam.

Segundo a expressão de Medeiros e Albuquerque, é tão inutil protestar contra a carestia da vida, como contra um fenomeno natural, o calor, a chuva.

A leitura de tão doutoral afirmativa dá-nos a entender que Medeiros pretende fazer-nos aceitar a nossa condição de párias como um fatalismo.

Quer dizer: as leis economicas que rejeim os destinos da sociedade, são tão naturais quanto as leis físicas que rejeim o universo!

Parece incrível que uma inteligência tão clara não possa ter um conceito menos vulgar dos problemas economicos sob o ponto de vista sociológico. Pretender identificar os conflitos economicos produzidos na sociedade, originados no principio de desigualdade em que está baseada a sociedade, com as leis imutáveis da natureza, é um absurdo tão estapafúrdio como pretender resolver o problema economico, que ajita o proletariado, com o rompimento de relações com a Alemanha ou com a adoção de uma pilherica "black-list" organizada pelos trabalhadores contra os negociantes desonestos.

Si por ventura a nossa condição de miseráveis na sociedade fosse o cumprimento de uma lei natural, quem teria o arrojo de revoltar-se contra ela?

Quem se revolta materialmente contra a chuva ou o calor?

Não é por "profissão" nem por ter a tola pretensão de ezibir os nossos problematicos dotes de oratoria que nos abalançamos a promover comícios de protesto contra a insuportável situação de fome que invade os lares proletarios, levando nas dobras dos seus tormentos a sua irremissível condenação à morte, é, sim, impelidos pelo natural instinto de conservação que vamos à praça pública reclamar o cumprimento de uma lei natural que os defensores da sociedade capitalista nos pretendem negar.

Os desherdados quando se lançam na luta, nos momentos de grandes transformações sociais, fazem-no exclusivamente com o fim altamente humano de ezijir o cumprimento de uma lei natural, e ao qual a burguezia opõe desesperados obstaculos.

E, por ventura, natural que os trabalhadores, que tudo produzem com o poder creador dos seus braços, sofram fome, enquanto os parásitos sociais, que nada produzem, estão cercados de todo o conforto na vida?

Por ventura a natureza, nossa mãe comum, será tão má, tão perversa, que premeditadamente dê a vida a um ser com o proposito de fazel-o sucumbir pela fome?

As leis naturais não limitaram nem limitam o numero de habitantes do mundo. Nós não solicitamos o nosso surto à luz da vida.

As leis naturais nos trousseram, elas nos dão a vida e a morte, e quando trabalhando nos neguemo o direito à vida outros homens, devemos passar sobre os seus cadaveres e proclamar o direito dos párias, os eternos escravos, que vêm regando com o seu suor o despertar da sociedade futura, a anarquia.

O paralelo estabelecido pelo ilustre literato, a proposito dos conflitos economicos, é uma burla que bem pouco abona os seus creditos intelectuais.

Medeiros e Albuquerque apresentando a miséria e as privações em que está submerjido o proletariado, como lei natural, prova evidentemente que ignora completamente a questão social e consequentemente deveria abster-se de manifestar-se sobre o assunto.

Medeiros e Albuquerque, aconselhando aos operarios no seu celebre artigo sob a epigrafe: "Com os operarios", publicado na "Noite", diz pitorescamente:

"Si, porém, os operarios querem sempre pedir ao governo alguma coisa, pegam-lhe que saia da sua germanofilia neutralidade".

Mas, por ventura a quebra de relações que ele aconselha para com a Alemanha resolve o problema social?

Em que poderia melhorar a premente situação do proletariado, uma guerra ou uma simples quebra de relações com a Alemanha?

Dar-se-á que o problema economico que os trabalhadores estão chamados a resolver, pela ciencia sociológica, seja um caso novo?

Já antes da guerra ele existia, e continuará a existir depois dela, si os trabalhadores não refletirem um momento sobre a tremenda catastrophe que os espera depois de restabelecida a "paz" pelos governos belijerantes.

O povo produtor nada tem a esperar dos que do alto pedestal da governança olham com desprezo as multidões famintas, e lhes respondem a bala quando dos seus peitos escarnejados parte um grito inflamado de revolta, protestando contra a miséria a que os tem condenado os saltadores de Estado.

Não ha de ser no recinto dos palacios do Estado que se resolverão os problemas economicos; ha de ser o proletariado consciente, de frente ativa e peito descoberto, nas praças publicas, que proclamando o direito à vida na sociedade humana, fará taboa raza de todos os privilegios da burguezia e calçando aos pés os preconceitos sociais pronunciará o grito de "terra livre!" que redimirá para sempre a humanidade.

O proletariado, produtor de todas as riquezas sociais, nada tem que pedir, não deve mesmo aceitar o direito à vida como um favor. Ele deve ezigrir que os governantes façam reparos enquanto não lhe seja possível eliminal-o.

Mas, Medeiros e Albuquerque, foi de uma infelicidade inaudita nos meios praticos" apresentados aos trabalhadores, afim de resolver o problema da fome que tortura as classes trabalhadoras.

Ele diz que não é com discursos, por muito violentos que sejam, que se resolve "praticamente" as grandes questões. Aceitemos de passagem, para discutirmos, o juízo que o ilustre jornalista fórmula dos "meetings" populares, embora a historia nos ensine que a tomada da bastilha foi o culminamento de uma série de discursos violentos, inflamados, com os quais se causticavam as tiranias da época, provocando na massa popular a reflexão sobre as suas degradantes condições de miséria.

Diz-nos o conselheiro do proletariado que devemos organizar um "black-list" de defeza contra os abusos dos negociantes desonestos.

Isso, segundo o atilado escritor, é alguma coisa de pratico para o efeito de atenuarmos os nossos sofrimentos.

Feliz seria a humanidade si tivesse alcançado um grau de desenvolvimento mental, capaz de compreender o sentimento de solidariedade.

Si, por ventura, o proletariado tivesse a inteligência desenvolvida à altura de poder conhecer a sua força esmagadora, deixar-se-ia arrastar à actual situação?

O proletariado não teria necessidade de efetuar comícios, nem de organizar "black-list" si tivesse compreendido a sua força incomparável e a soubesse manifestar-a pelo sentimento de solidariedade.

Si assim fóra, seria por ventura, escravo de outrem?

Deixaria arrebatar o produto do seu trabalho por um "segundo" que o ar-

mazena para de posse dele especular com a sua fome?

Seria soldado, carcereiro, policia ou verdugo?

Estamos certos que não.

E esperamos que o dia que chegue a compreender claramente o sentimento de solidariedade humana, decidirá imediatamente a sua sorte na praça pública, procurando uma sociedade mais justa, mais humana e mais equitativa, que tenha como diviza a liberdade, a justiça e a fraternidade universais.

E depois qual será o lugar dos Medeiros e Albuquerque e sua casta?

R. Rodrigues Martins.

O CENTRO COSMOPOLITA

PROBLEMAS ASSOCIATIVOS

Ao certo não conhecemos quais os verdadeiros sentimentos que impeliram aquele pujilo de companheiros que no afastado ano de 1903, lançaram as bases de uma associação de classe dos trabalhadores em hotéis, restaurants, cafés e classes anexas, a que deram o nome de Centro Cosmopolita, cujo significado encerra uma idéa nobre e alevantada de fraternidade humana. Não sabemos si eram eles animados dum alto espirito de reivindicação social; desconhecemos si aqueles proletarios, tendo uma clara percepção da sua qualidade de salariados, de desherdados, dispunham-se efetivamente à defeza dos interesses economicos e morais da classe.

Entretanto, dados os resultados da obra, é de supor que bastante longe estavam de possuir as mais superficiais noções da questão social, que já muitos anos antes daquela época ajitava as classes trabalhadoras da America e da Europa.

Efetivamente, podemos afirmar sem sombra de pessimismo ou de setarismo, que a organização que ai vejeta, absorvida por mil e uma preocupações extranhas aos verdadeiros interesses da classe, servindo de tablado inadequado às ezibições das vaidades de uns tantos inconcientes, muito longe está de poder consultar os interesses de uma classe trabalhadora afundada na mais degradante miséria, devido ezatamente à falta de uma organização eficiente e bem orientada.

Lenta, cheia de peripecias dolorozas e imprevistos contrastes tem sido a marcha evolutiva, ou melhor, involutiva, do Centro Cosmopolita.

Moldado pelo antigo modelo de associação de "bases multiplas", isto é, prometendo tudo, tudo inscrevendo no seu vasto programa: a resistencia, a beneficencia, o cooperativismo, a colocação, para afinal reduzir-se na pratica ao mais esteril, sinão pernicioso agrupamento de indivíduos atraídos pelo chamariz dos immediatissimos interesseiros; massa amorfa, sem vontade, sem conciencia propria, constituindo por vezes sério entrave à defeza da coletividade, ele que, por irrisão, se propõe à defeza dessa coletividade.

Si lançarmos um olhar retrospectivo para esses 14 anos de existencia do Centro Cosmopolita, havemos de reconhecer (si não estivermos com o senso critico obliterado pelo partidarismo) que a sua ação tem sido, pôde-se dizer, de resultados bem nefastos para a classe, e que muito pouco têm influido, os que nele militam, ou têm militado, na obra de educação da parcela do proletariado nele agremiado, na propaganda dos principios emancipadores da classe trabalhadora de cujos interesses o Centro Cosmopolita se diz lejitimo representante e em cujo seio, infelizmente, o atrazo mental contribui como um formidável bloco para a sua eternização ao jugo capitalista.

A sua existencia tem-se caracterizado pelo mais criminoso indiferentismo por tudo quanto possa dizer respeito aos interesses vitais da classe; e si alguma vez esse indiferentismo tem sido quebrado por alguma rara exceção, isso tem sido graças à ação audaciosa de uma minoria tenaz, que sem temor de provocar as iras da inconcencia imperante, expondo-se aos mais duros e desleais golpes dos que empolgaram a vida da associação, mais para satisfação das suas ambições pessoais do que para levar-a à resistencia à exploração capitalista, tem-se batido para conduzir o Centro Cosmopolita ao campo glorioso das reivindicações proletarias.

Essa minoria, reduzida pelo numero, mas potente pelas armas da razão e da critica racional, manejadas com a sinceridade que lhe dá a ezata compreensão dos deveres que lhe impõe a luta estabelecida entre o capital e o trabalho, tem conseguido em dadas ocasiões, que circunstancias especiais o permitem, levar

a associação à primeira linha da luta social. Mas, tão depressa afrouxa ela a sua atuação quanto o Centro, empolgado pelos elementos retrógrados, é reconduzido ao estado de inercia permanente.

Tudo concorre para que as melhores vontades, as mais rezistentes atividades dezistam dos seus propositos, ao verem que os seus esforços se esterilizam deante da barreira de uma organização autoritaria, repleta de formalismos que constituem os mais sérios estorvos aos que querem sinceramente trabalhar para a emancipação integral da coletividade. De fato, a começar pelos seus estatutos, que deveriam ser um simples pacto social rezumido, bases de acordo para o bom entendimento da ação coletiva, (mas que, no entanto, é um codigo politico complicado) e a terminar na colossal administração, verdadeiro "estado-maior", tudo ali constitui um estorvo, uma camisa de força para manietar os membros dos que querem agir em bem dos interesses superiores da classe.

Para completar o quadro, ha cerca de 5 anos, a megalomania das ezibições grandiozas, de um lado, e os manejos aranjistas de outro, arrastaram o Centro à aventura, para sempre malfadada, da construção de um semi-palácio com o qual procuram iludir a miséria de uma classe vilipendiada com a miragem deslumbrante da inscrição do nome glorioso do nosso querido Centro nos registros de propriedade do Estado, magnifica preza com que se acena à gula da classe capitalista nos futuros encontros que porventura tenhamos com os nossos exploradores.

De sorte que, si somos vilmente explorados pelos patrões, si trabalhamos um numero excessivo de horas, e em logares infetos, sem ar, sem luz, si vencemos salarios irrisorios, e si os nossos brios de homens sofrem os mais dolorozos vexames, em compensação podemos gritar, alto e bom som, que já somos proprietarios!

Que importa a esses inconcientes que empolgaram a vida associativa, que essa tola e criminoza aventura tenha custado ao Centro muitos anos de inação, e que os compromissos dela decorrentes tenham servido para absorver tantas energias malbaratadas num esforço de alcanças não só nulos como até prejudiciais aos interesses economicos e morais dos trabalhadores em hotéis e restaurants, si eles para o futuro poderão jactarem-se de terem dado um palacio ao Centro, e ambicionam, como justo pleito aos seus "relevantes serviços à classe", verem as suas respeitáveis efijies perpetuadas pelo pincel do artista e penderdas da parede da séde social para admiração da posteridade agradecida aos seus grandes feitos.

Essas modestas considerações vão à guiza de introito a uma série de artigos que pretendemos publicar nas colunas de "O Cosmopolita", contando com a boa vontade do seu Grupo Editor, nos quais desenvolveremos uma critica imparcial aos defeitos de organização do Centro, sem alvejar personalidades, e procurando suprir a nossa carencia intelectual com o conhecimento pratico que possuímos do ambiente associativo.

JOÃO ANTUNES.

O enigma de um segredo

Conheço perfeitamente que é um tanto delicada a teze que me proponho desenvolver no prezente artigo, pelo fato de conhecer bastante a falta de compreensão da maioria dos companheiros que mourem numa determinada fração da nossa classe, a qual vai ser o alvo da minha critica, sem que pretenda com isso ridicularizal-a, pondo-a num plano de inferioridade moral a outras frações que constituem a nossa coletividade.

Difícil será exteriorizar o meu modo de pensar sobre o assunto que pretendo esclarecer, sem ferir a suscetibilidade de muitos companheiros que inconcientemente irão julgar-se atingidos pela minha critica racional endereçada a "cauzas" que determinam "efeitos" de graves consequências para aqueles que não querem prescindir dos seus brios de homens para ser caixeiros de "cazas de petisqueiras", e não a esta ou àquela individualidade que mais se destaque na pratica dos atos inconvenientes que vou relatar e apontar como cauzas determinantes da dezorganização do serviço na maioria das cauzas aludidas.

A falta de valor na maioria dos indivíduos para dizer o que sentem, temendo sempre ferir alguém, é um dos maiores fatores do periodo estacionario em que nos encontramos.

Rompamos pois as correntes do tradicionalismo absurdo, que nos prendem aos nossos antepassados, com a voz clara da nossa conciencia livre dos preconceitos erroneos que tanto prejudicam o desenvolvimento da humanidade.

Eu, pelo simples fato de saber antecipadamente que vou ferir alguém (sem pretender), com a publicação do prezente artigo, não posso absolutamente fazer-me culpice, com o meu silencio, de costumes que a minha conciencia reprova, costumes esses que têm as suas origens nos semi-selvagens tempos coloniais.

Alguns deles devem ser abolidos, prime-



ro: porque não são mais próprios para o século atual; segundo: porque são anti-estéticos, e terceiro: porque colocam o caixeiro numa crítica posição perante o freguez e o patrão.

São costumes perniciosos que constituem a causa do mal, do qual surjem os terríveis efeitos, que são os atos praticados pelo caixeiro no desempenho das suas funções.

E' portanto a uma causa que eu vou atacar e não a indivíduos.

Si eu escolhi justamente uma determinada fração da nossa classe, ou seja as "cazas de petisqueiras", é porque nelas, no seu seio, existem fatores que detrimam abuzos na regulamentação técnica do serviço, e o comportamento moral dos caixeiros, e não obedecendo a qualquer principio de opposição sistemática contra essas cazas, ou contra os companheiros que nelas trabalham.

Nada influem no meu espirito crítico, essas rivalidades ignorantes de superioridade social dos indivíduos que trabalham, "por acaso", nas cazas de primeira, quando se fala da competência profissional dos que se empregam também "por acaso" nas cazas de segunda.

Isso para mim são mesquinhas próprias dos deuses, dos fracos em raciocínio até aos quais não tenho alma para decer, porque eu julgo muito longe de mim.

O meu ardente desejo é fazer compreender a todos os companheiros que não é uma opposição sistemática o que eu pretendo fazer na minha crítica e sim uma apreciação profunda acerca de um occultissimo segredo profissional existente na convicção da maioria dos caixeiros de "petisqueiras".

E' pois, firmado nos principios basicos da razão e da justiça que eu pretendo apontar os enigmas de um segredo importante de que eu ha muito tempo me venho preocupando em desvendal-o sem que até hoje me fosse possível conseguil-o.

Hoje, porém, posso vangloriar-me de haver realizado o meu intento. Estou de posse do segredo com todos os seus enigmas, e não temo a suspetas infundadas que possam cair sobre mim, nem tampouco, alguma controversia que porventura sucite no "O Cosmopolita", vou narral-o com os seus pormenores.

De ha muito que sentia o desejo de falar bem claro sobre este assunto, mas como me faltassem dados importantes, que julgava indispensaveis, me retrai. No entanto, conhecendo hoje praticamente os metodos praticos nessas cazas, sinto-me com forças para falar a meu critério sobre o assunto, e, calcando preconceitos erroneos, falarei a verdade, de acordo com a minha conciencia liberta do sentimentalismo "classista".

Ha já algum tempo que eu venho notando uma certa rivalidade (aliás justificada, sobre um ponto de vista), entre caixeiros de "cazas de petisqueiras" e de restaurantes, sem que, superficialmente sequer, lhe dedicasse a importância que hoje, depois de estar praticamente ao par da questão, lhe dedico.

Sempre que se encontram reunidos no Centro Cosmopolita, alguns companheiros, caixeiros de restaurantes, surge á tona da discussão dos assuntos profissionais a eterna questão dessas rivalidades. Rivalidades essas que não existiriam si a nossa classe tivesse conseguido erguer a sua frente e elevar-se á estatura moral de homens, ao em vez de decer ao ultimo grau de humildes criados na sociedade.

Inesperadamente pelos botequins surjem também essas discussões estereis, onde se esgotam energias que podiam ser aproveitadas em assuntos de mais importancia para a classe.

Por sua vez os caixeiros de "cazas de petisqueiras", confiando nos ótimos resultados do seu importante segredo, também disctem os comentarios dos seus camaradas; notando-se que eles o fazem com um certo orgulho, que absolutamente não deviam ter desde o momento que eles aceitam as diversas categorias profissionais.

São varias as vezes que eu tenho tido a oportunidade de improvisadamente assistir a certas palestras verdadeiramente interessantes, sugeridas em volta da arte de bem servir a clientela, em pequenos nucleos de caixeiros de "petisqueiras".

De dia para dia fui adquirindo novas e vallozas impressões no seio de uns e outros camaradas, como o passaro que vai de galho em galho, subindo ao cume de uma grande arvore, até que cheguei á conclusão de comprehendel-os. Os caixeiros de restaurant, que levados pela falta de trabalho neste vém-se na emergência de procurar trabalho nas "petisqueiras" lutam com uma medonha dificuldade.

Os proprietarios de "petisqueiras", quando algum empregado se acerca deles para pedir-lhe trabalho, vão logo perguntando quais as cazas onde tem trabalhado.

O caixeiro de restaurant, naturalmente julgando que é para medir a sua competencia profissional, começa citando as cazas de primeira, em que já trabalhou, a titulo de recomendação da sua competencia, quando o anti-estético patrão diz-lhe:

— Você não me serve, qual é a sua roda de freguezes? Eu preciso de caixeiros que me encham a caza de freguezes.

O caixeiro desempregado, diante da absurda pergunta do incoercível patrão, encohe os hombros, e, com um olhar desolado, lastimando o pobre negligente, diz:

— Olhe, meu caro amigo, si eu me quero empregar na sua caza é pelo fato de eu não ter "freguezes", e com a intenção de ganhar o pão servindo os seus e os da sua caza. Não estou acostumado quando entro para uma caza apresentar ao meu patrão como atestado de boa reputação e de competencia profissional, a minha "roda". Sou um simples aprendiz de "mecanica", e portanto ainda não me foi possível descobrir o meio de congregar a celebre roda. Ainda não conheço o segredo da mecanica culinaria que vos serve de base de negocio para serdes felizes.

Continuará.

O. R. M.

Razão de Estado e Razão Publica

O problema economico social não é mais um fato que se possa esconder nos povos modernos.

A habilidade com que o Estado, por intermedio da Religião e do Capital, tem sabido iludir a fé publica, descobre-se dia a dia ezaminando os efeitos produzidos pela antizente Razão de Estado e Razão Publica.

Ora, salta aos olhos que os interesses das duas entidades aqui descritas são diametralmente opostos, senão vejamos:

Ha uma Questão Social a resolver, apesar das negativas por parte do Ca-

pital, cuja questão é justamente economico-social, a saber Trabalho, fim do ano — lucros?

Capital, fim do ano — lucros?

Note-se que o Capital não pôde considerar lucro o que gasta nas suas necessidades e luxo, mas unicamente o que sobra depois de satisfeito nos seus appetites. O Estado ao serviço do Capital capricha em explorar o Trabalho em razão da necessidade do seu bem estar.

A Razão Publica portanto, que é a razão do Povo que trabalha e sofre, não pôde estar de acordo com a Razão de Estado, cauza do sofrimento comum.

Estudando o sentimento dos povos modernos na base da verdade não se ouvirá uma voz sincera que diga: estamos bem, secundando o Capital e o Estado ou Governo.

A razão do mal publico não é razão natural ou da vontade divina como se quer fazer crêr á injenuidade do povo; é sim uma desigualdade economica criminosa creada pela ambição insaciavel dos dirigentes do Capital, do Estado e da Religião.

Os diversos matizes dessas castas privilegiadas permitem haver diverjencias entre elas que produzem mais ou menos reformas com o nome ponpozo de beneficio publico que de fato não são mais que paliativos para retardar o despertar da conciencia popular.

As razões que se opõem para haver harmonia entre Capital e Trabalho são de um valor tão evidente que estão acima de toda e qualquer suspetita de mistificação.

Não pôde existir egualdade quando ha estomagos vazios e outros a transbordar; a coletividade humana não é

um organismo heterojeneo nas necessidades vitais, mas sim homojeneo e bem distinto de todas as especies que a natureza expõe, logo, em questão economica a Razão de Estado não é a Razão Publica, mas sim a supressão da dita. Si considerarmos de boa fé o problema da questão Social vemos logo que estamos em face de uma iniquidade tanto mais condenavel quanto melhor a conhecemos.

A circunstancia que produz tal estado anormal na sociedade encontra-se sempre no movel Razão de Estado em detrimento da Razão Publica.

Si yamos bugear ainda a razão da "Patria", descobre-se que a propria "Patria" é quasi sempre a vitima explorada em beneficio dos dirigentes e do Capital, embora estrangeiro.

A massa ignorante é susceptível de ser iludida com palavras e promessas que nunca se realizarão, acredita no super-homem capaz de remover dificuldades com um gesto; mas na realidade não ha mais que o homem, mais ou menos intelijente, mais ou menos bom ou ruim.

A iniciativa do bem estar social não pôde ser obra do milagre mas sim do povo conciente do que quer, e orientado no respeito á Liberdade ao trabalho uma vez possuidor da Luz que o ha de guiar a conhecer a sua Soberania intanjavel.

A continuação rotinaria do statuquo, é um erro propozital que convem perfeitamente á burguezia insaciavel.

A humanidade tem um fim a atinijr que se esclarece cada vez mais e este fim é a emancipação dos Povos do dominio do Capital apoiado pela Razão de Estado.

A Razão Publica afinal terá o seu triunfo.

A. P.

O Proletariado Militante

A federação operaria e a ajitação contra á carestia da vida

O MOMENTO EZIJE UMA ATITUDE VIRIL DO POVO TRABALHADOR

Neste momento de supremas angustias e desesperos, nesta hora premente que atravessam as classes trabalhadoras do país, a braços com a mais terrivel das erizes que registra a historia da sua tetrica desventura, agravada pela rapacidade dos corvos do capitalismo e da governança, que sob os mais variados pretextos vão arrancando da boca do proletariado faminto a sua irrizoria ração, não podia o proletariado militante deixar de romper com a covardia ambiente que caracteriza o atual periodo historico e, num veemente brado de protesto na praça publica contra o máu estar presente, afirmar com virilidade e dezasombro o seu direito á existencia.

Assim, a Federação Operaria, reassumindo o papel principuo que lhe cabe na luta sem treguas entre as classes trabalhadoras e os sus contumazes exploradores, de centro propulsor das energias revolucionarias da massa popular, presta-se para em futuras pugnans enfrentar os bandidos da governança e do capitalismo uzurpador.

Após alguns comicios preliminares na sua séde social, promoveu a Federação Operaria no passado domingo, 27 de Janeiro, quatro grandes comicios, nos seguintes bairros de densa população proletaria: Gavea, Villa Izabel, Enjenho de Dentro e Madureira, tendo sido todos extraordinariamente concorridos e realizando-se em meio do maior entusiasmo do povo, que a eles acorreu seiozido de ouvir a palavra veemente dos oradores que se fizeram ouvir, fustigando o atual estado de coizas.

Outros comicios já estão projectados, preparatorios do comicio monstro que se prepara, no qual, espera-se, culminarão as manifestações populares contra a premente e desesperadora situação que atravessamos, fazendo entrar num movimento de deciziva esturja toda a revolta que vai na alma popular contra um regimen que a condena á fome.

Publicamos abaixo o vibrante manifesto que a propozito da recente ajitação contra o aumento de impostos, lançaram o Centro Libertario e o Grupo Editor da "Guerra Sociale", de São Paulo. E' uma bela pagina de critica aos acontecimentos atuais que merece ser meditada.

A situação é das mais precarias, o momento dos mais dificeis; e para todos.

Entre as classes altas como entre os humildes, ha incerteza e medo do amanhã.

Não ha quem não conheça que se vai aproximando a hora duma conflagração interna, a qual deverá produzir o inicio de uma nova era politica e economica, seja qual fór, para o Brazil. Dizemos para o Brazil; mas o fenomeno nacional é ligado a causas gerais, de ordem internacional, complexas e diversas.

Essa conflagração, interna, produzirá amanhã em todas as nações — e veremos entre elas as que hoje se arruinam em uma

guerra vã, estúpida e horrivel, associarem-se na defeza do Estado e do Capital contra o inimigo de caza — mas aqui a consequencia trágica é acelerada por determinantes locais. E' possível adiar essa conflagração, evital-a não.

A fatalidade historica é uma expressão de retorica: a realidade, o fato social, existe nas determinantes politicas e economicas do regimen.

Na vida dos povos, como na dos indivíduos, ha horas de crise profunda, e superlatas é viver.

O Brazil foi um organismo rico e sadio: a natureza assim o quiz: esgotaram-no. Mas pôde salvar-se ainda. Não ha povo cuja salvação seja impossível.

— Mas, como poderá salvar-se?

— Reajitando.

— Contra quem?

— Contra quem lhe sugou o sangue, a linfa vital: ezijindo contas a quem fez desperdicio das suas riquezas.

Nós não nos dirijimos ao governo, nem tampouco á "honrada" classe dos comerciantes e dos industriais.

Indijena ou de origens diversas ha aqui um povo. Povo que trabalha, que se estiola e passa á mingua e que amanhã, si não hoje, terá que enfrentar-se com a miseria mais negra; com a fome.

E' a ele que nós nos dirijimos; tanto mais que ele é o maior culpado da propria desgraça. Esqueceu-se. Deixou-se oprimir e espolar sem um protesto, na sua fé cega no prestijio da Autoridade, na sua servidão abjeta para os Deuses.

Dirijimo-nos ao Povo, não para lhe aconselhar movimentos inconsultos, mas para que se acantele e se prepare.

O povo é injenuo. No seu sofrimento, nunca cansado de ilusões, deixa-se arrastar com facilidade por uma miragem qualquer que lhe prometa um alívio.

Hoje a "honrada" classe dos comerciantes, que o governo quiz colocar como intermediaria na extrema espoliação que cojitou com o fim — diz ele — de angariar o suficiente para fazer face aos compromissos faluzos, com credores que não podem esperar, compromissos cuja liquidação é para breve, a "honrada" classe dos comerciantes recua-se a isso; achando a carga pozada, e perigozo o papel de belemguim ao qual o governo quer obrigal-a. E talvez mesmo, os comerciantes, achem ezajerada a atreldade fiscal do governo, com medo que lhes limite os lucros de costume, lucros que aumentam com o aumentar da carestia da vida, a qual se diz, e em parte é, consequencia da guerra. Mas só para o povo. A "honrada" classe dos comerciantes e dos industriais, nunca, como agora, se locupletou de propinas inverozimels.

Industriais que em vesperas da guerra estavam proximos á falencia, hoje estão acumulando milhões.

Diz-se que ha falta de trabalho; porém ha muitas fabricas onde se trabalha dia e noite. Com a desculpa da guerra, os "honrados" industriais persuadiram o proletariado a trabalhar mais e ganhar menos.

E no entanto os "honrados" esportadores acabaram os generos de primeira necessidade, para envial-os ao estrangeiro, o provocar com a escassez no mercado, a especulação da alta.

Como se vê, o povo está sendo ludibriado de maneira descarada. E como si isso não bastasse, deixa-se espaldelar pela força policial, protestando em favor dos comerciantes desses uzurarios que, collocando-se entre o produtor e consumidor reclamam para si o maior quehido.

O povo está defendendo ladrões contra ladrões. Ladrões que hoje brigam entre si, mas que amanhã estarão de acordo contra ele. Não tem declarado a nobre classe dos comerciantes que em qualquer emergência, satisficou seus pedidos, encontrar-se-á como sempre, ao lado do governo, isto é, da espoliação legalizada?

Dizem que é preciso salvar a patria. Patavinas. O que querem é salvar a propria situação. Si o patriotismo é uma realidade, si ha verdadeiro desejo de salvar compromissos de honra, recuzem os senadores deputados os rios subsidios dos quais não prezizam, recuzem os satrapas do poder os "salarios" principescos que ezijem e áqueles que distribuem divididos a todos membes das proprias familias; recuzem os que vivem no fausto, no luxo, os que atram divivem no devassidão e no jogo, dinheiro que é suor do povo; recuzem o superfluo e sobre o altar dessa patria que dizem amar tão sinceramente, ofereçam-lhe em holocausto tudo quanto roubaram.

O ouro das dividas que amanhã deverão ser pagas, que fim levou?

— Quem se fez rico hipotecando o país? Ou foi, por ventura, o povo?

— Não, o povo continúa esfarrapado, trabalhando hoje como ontem.

Belo patriotismo o apregoado pelos orgaos do governo!

Que o povo salve a patria renunciando a sua razão de pão! E oles?

— Como é interessante tudo isso. Os governos contraem dividas? O povo que as pague! Os governos declaram guerras? O povo que morra!

E quando fór preciso, que se forneçam também ao governo soldados e policia para que espingardiem o povo no dia em que achar que tudo isso val mal.

Compreendemos que com palavras não se resolvem situações e a do Brazil é das mais assustadoras.

As criticas, por mais ponderadas e razoaveis que sejam, são estereis si nada aconselham que seja viavel e possível.

Pois bem, nós aconselhamos ao povo varias couzas possíveis, nós que somos qualificados de loucos e dezordeiros, para que o povo se salve a si mesmo e ao país; ao país que não deve ser "fazenda" de colatetos e de ladrões; ao país, que não pôde continuar a ser "fazenda" de algumas familias e de grupos de politiqueros prontos a arremental-a em praça publica.

Entre os conselhos que damos ao povo, o primeiro é este: não se deixe arrastar por politiqueros, que o mandarão á chacina, para que eles possam substituir no poder os atuais dominadores.

Recuze-se o povo a servir de capanga da honrada classe dos comerciantes e industriais.

Apresentem os interesses parecem ser os mesmos, mas não é assim. Os interesses de quem trabalha não podem ser confundidos com os de quem vive especulando sobre o produto do trabalho alheio.

E' para solver compromissos de honra, isto é, para pagar dividas que os desonestos contrairam — não afirmam os orgaos do poder que os administradores passados foram desonestos e incapazes tanto quanto... os atuais? — dividas que não se pagam improvisando a farça do alistamento militar e que não serão pagas, mesmo si o povo se adaptar á carga desmedida dos novos impostos, pois as despesas improdutivoas, as siuecuras, os desfalques, as concessões escandalozas, as roubalheiras legalizadas e demais belezas do regimen, estão em progressivo aumento, e o "patriotismo" dos dominantes começa e acaba com o proprio e particular interesse... para pagar essas dividas, dizemos, encontro o povo o meio e imponha-o.

Segundo o nosso parecer esse meio é a Restituição.

Quem roubou que restitua, e não somente aos de fóra, mas também aos de caza. Todos os que enriqueceram, enquanto a nação arcava sempre com maiores dificuldades, que restitua, que sejam obrigados a restituir, tudo — e foi a maior parte — o que passou para as suas mãos, para as dos parentes e para as dos amigos.

E' a conclusão logica. E fóra disso, para o povo não ha salvação. Ou deixar-se estrangular, ou livrar a patria do parazitismo, conquistando-a para o trabalho e para o trabalhador.

Mas si o povo entender que poderá conseguir alívio para os seus sofrimentos lutando para "salvar o comercio" ou pegando na carabina em favor dos que contem o poder e as caixas do erario publico, só conseguirá piorar a sua condição de escravo. Voltará do conflito mutilado e mais pobre do que antes.

Acantele-se também o povo contra um provavel incitamento á revolta politica, organizada pelo governo central.

A mesma "chantage" que o comercio quer praticar com os governos e com as Camaras Municipales, talvez o governo da União queira praticar com os seus credores.

E' possível "e ha fatos" que podem lejitimar esta suspetta, que o governo proprio seja o provocador de uma revolta que se prepara, para sufocar-a em sangue, para apresentar aos credores este dilema:

Quereis conceder — dirão os governantes — uma moratoria concedendo a um governo constituído que garanta a possibilidade de liquidar seus compromissos, e salvaguardar as instituições baseadas no principio de autoridade e de propriedade, ou preferis ter que tratar com um povo em revolta, com uma revolução que nada vos garantirá?

Esternamos brevemente o nosso pensamento sobre a situação atual.

Ao povo cabe resolver, agora.

Refleta, porém, que num ou noutro caso, antes ou depois, ele deverá, por si ou por outros, vir á rua, revoltar-se e bater-se pela defeza dos seus interesses ou daqueles que lhe farão crêr que são os seus.

Como hoje, no dia em que tiverem lugar acontecimentos graves, nós voltaremos a dizer que, em vista da luta ser fatal, saiba o povo enfrentar-a por conta propria, afim de conquistar para si "a patria brasileira", pão e felicidade a quantos não odela o trabalho.

E neste dia estaremos a seu lado.

Ao lado dos politiqueros e dos comerciantes é que nós, os anarquistas, nunca marcharemos.

PAJINAS ALBIAS

SERVICIO DOMESTICO OFRECIDO

Esta sección, en los grandes diarios del Plata, me suele afligir más que la de policia. Hay males agudos preferibles á los crónicos, y recibir ó dar una puñalada no es á veces tan lamentable como pasarse toda una vida fregando platos. América es mucho menos dura con los sirvientes que Europa. Por aquí no abunda el tipo de la *bonne à tout faire*, la

criada para todo; la humilde bestia de carga, que pinta Zola en su *Pot-Bouille*. Sin embargo, observad que por cada aviso de servicio pedido se insertan dos de servicio ofrecido, abonados quizá pensosamente. ¿Y que me decís de la frase habitual de las agencias de colocaciones: "no se cobra comisión á los patrones"? El que paga al intermediario es — claro está — el pobre. Al rico se le ahorran gastos inútiles. Otros detalles nos confirmarian la inferioridad social del proletariado, en servidumbre doméstica. Si los salarios mejoran, el oficio es siempre muy triste...

Y ante mis ojos desfilan, por orden alfabético, los que piden pan á tantas humillaciones secretas. Primero, las amas. "Amas gallegas, vascas, piemontesas, lombardas"... "Ama primeriza... Con leche fresca"... "Con leche de dos meses, de cuatro, de seis"... "Ama robusta"... "Ama robustisima"... Rara es la que no está provista de certificado médico. Y pienso en el ganado femenino, en las ubres humanas á alquilar; pienso en la leche blanca cuya dulce onda fluye en vano, buscando al niño ausente ó dormido bajo tierra.

Y luego las mucamas, la "mucama para dentro, con cama", el "mucamo sin bigote y con frac", el "mucamo de color", la perla de la série! Un mucamo de color es patente de elegancia.

En la Quinta Avenida, la mayor parte de los "valets de piel" son japoneses, y la señora Howard Gould — una semi-diosa! — exhibe á la entrada de su "bouddoir" un de talla gigantesca, ataviado al modo de su país. Pero sigamos: ahora viene un capítulo lúgubre: el de las "señoras". "Señora sería se ofrece para todo trabajo"... "Señora sería se ofrece para lavandera"... "Señora formal, recién llegada, con un varoncito de 20 meses, se ofrece para mucama"... ¿No adivináis una historia de lágrimas detrás de esas tres líneas? Y termino, sonriendo, á pesar mío: "Hombre formal desea entrar en casa de sacerdotote, sabe cocinar, ayudar á misa y demás quehaceres"...

¡Exactísimo! Ayudar á misa es hoy un quehacer mecánico, y no sólo ayudar á misa, sino celebrarla. Se es sacerdote como se es cocinero. El culto ha dejado de ser religioso; los actos comunes han perdido su significado ideal, su aureola mística. Para el sirviente persadado de que su amo simboliza á Jesus, la domesticación era un santo ejercicio, una reproducción continua de la escena en que la pecadora humedece con su llanto los pies del maestro y los enjuga con su cabellera. Cristo, más tarde, lava los pies de sus discípulos, porque todo lazo invisible en el fondo una identidad, una reproducción continua de la escena en que la pecadora humedece con su llanto los pies del maestro y los enjuga con su cabellera. Cristo, más tarde, lava los pies de sus discípulos, porque todo lazo invisible en el fondo una identidad, una reproducción continua de la escena en que la pecadora humedece con su llanto los pies del maestro y los enjuga con su cabellera. Cristo, más tarde, lava los pies de sus discípulos, porque todo lazo invisible en el fondo una identidad, una reproducción continua de la escena en que la pecadora humedece con su llanto los pies del maestro y los enjuga con su cabellera.

Todavía, en algunas cortes, en algunas grandes casas, en algunos solares hundidos en provincias muertas, queda la anciana nodriza, el servidor venerable, "como de la familia", el sublime Chesnel de Balzac, últimos rastros de un mundo que se va, destellos del viejo espíritu que al desvanecer su bruma luminosa, abandona al pária moderno á la feroz realidad de la cocina oscura, pringue y humo, grasa fría, aguas sucias, cloaca de los felices, restos y sobra... Leo que allí se guisa y se adereza es sobre todo el odio.

Como el único dogma en circulación es el de la igualdad, la servidumbre se ha convertido en una ignominia. El criado se avergüenza de servir, y el amo de que le sirvan; ambos disimulan, puesto que no pueden evitarse, pero estan de acuerdo en lo cruel de sus relaciones. La ciencia nos sacará de un régimen que degrada los hogares. No concibo que no lo haya hecho aún; nuestros criados deben ser las máquinas.

¿Tan difícil es, en el estado actual de la industria, construir viviendas de cómoda oficina, donde el aire penetre por tubos en que se caliente, se enfrie ó se despoje el polvo? ¿Los progresos de la calafacción eléctrica no conseguirán suprimir el salvaje horror de los hornillos? ¿Será nuestra química impotente á limpiar con economía y rapidez los objetos de todo uso?

Si los Edison quisiesen consagrar al problema una particula de su genio, el servicio doméstico sería casi automático, entretenimiento breve y agradable, para las señoras. Hemos aprendido á volar y continuamos haciéndonos lustrar los botines por manos de niños!

Supongo que los sindicatos de sirvientes precipitarán la solución. La servidumbre en su forma actual, se volverá pronto absolutamente intolerable. Nos dolerá demasiado, y será un bien, porque no hay renovación sin dolor. Nos empieza á doler con exceso la supremacia de la riqueza. Lis ricos dominan más que nunca, pero cada vez les estimamos menos, y el dolor que nos causa esta falla entre los valores físicos y los dolores morales no es sino la inminencia de una era más noble. La emancipación de los que avisan en el "servicio doméstico ofrecido" será un episodio de la emancipación de nuestras almas.

RAPHAEL BARRET.

Do livro "Mirando vivir".

FALTA DE TRABALHO

Miseravel proletario, operario das minas, da officina, do escritorio, do armazem; assalariado a quem regateiam o escasso pao!

Tens forca para trabalhar? tens competencia? sabes do teu officio? le-vaste anos e anos a formar-te? a ad-quirir a instrucao profissional? es ha-bil? desembaraçado? inteligente? tens saude

Nada disso te garante o pao, por-que... não ha trabalho!

Que torturas lancinantes tu passas vendo os teus filhos famintos, tua mu-lher fenecendo lentamente pelas priva-ções soffridas; e tu... sentindo o agu-lhão da fome a espicar-te as entra-nhas... e no coração, o espinho agudo da cruciante dor moral...

— Mas (gritarás tu, aflito), eu pos-so trabalhar, tenho saude e sei do meu officio!

— Que importa? não ha trabalho... — Porém (retrucarás), porque mor-remos nós ao dezamparo, nós que não pedimos sinão trabalho? e isto quando ha tanta gente que não come, que não tem que vestir, a quem falta onde abrigar o gelado corpo contra as intem-peries e quando nós podemos fabricar essas vestes, produzir esses alimentos, levantar esses predios? quando ha tanta gente descaçada e nós sabendo fabricar esse calçado? havendo tanta terra em baldio e nós dispondo de braços vigo-rosos para o árduo labor dos campos? Sim! porque morremos nós á mingua de tudo, vítimas da fome e do frio, quando se inutilizam fabulosas somas de comestiveis? tão consideraveis quan-tidades de productos, de tecidos que nos abriguem, de generos que nos alimentem? Sim! Porque propozitadamente se queimam, se destroem por todas as formas, quantidades e quantidades de tudo quanto a industria, o saber huma-no, podem produzir quando nós, famin-tos, nós, sem pao, sem lar, sabendo produzir tudo quanto a vida necessita e tendo vigor nos musculos, não pode-mos aplicar o nosso saber e não nos é permitido comer na mesma occasião em que tanto e tanto se esperdiça e propo-zitadamente se estraga? Sim! Porque?

— Causas de estar com reflexões, miseravel proletario, vil assalariado. Tens de morrer de tudo carecendo, por-que assim é preciso para uma minoria poder gozar de tudo!

A materia prima abunda; os produ-tos não faltam; a ciencia no seu ince-sante progredir, aumenta fabulozamen-te os meios de producao para que nada falte ao homem e contudo... tu mor-res de inanição! Que queres? has de morrer estiolado porque a minoria deve viver na plethora da abundancia...

— Porém! nesse cazo (regougarás tu), vamos roubar afim de podermos alimentar-nos sem que essa minoria deixe de ter sustento tambem. Trabalhe-la como nós temos trabalhado e terá assim direito á vida. Não lhe nega-mos esse direito; mas exijimo-o para nós egualmente. E pois que na atuali-dade somos espoliados do que custou o nosso trabalho, bom que hoje, que es-tamos a cair de fome, lancemos mão do que produzimos e outros estão fru-indo!

— Atrévete a isso, desprezível bi-cho e verás todo um bando de moralis-tas e de boas almas tementes a Deus, cair-te em cima, esfacalear-te o corpo com suplicio do castigo e torturar-te o sentimento com o requintado martirio moral de mil preconceitos sociais, de dozoas concepções. Pois que julgas? Pensas que basta ter o direito á posse do que produziste?

E' indispensavel ter a consciencia da forca! Enquanto não a tiveres, é cri-me só o pensares em tomar uma par-cela do que a tal minoria goza á tua custa, quanto mais lebares á pratica um pensamento desses!

Não! meu caro! geme, definha-te e morre ao dezamparo.

— Ou então! sim! olha para ti mesmo! repara que tens a forca! une-te aos teus pares no infortunio! e ve-rás como já não será crime o que vi-zeres! verás como essa minoria se abastarda! verás como todo edificio so-cial se desmorona: a nova moral se es-tabelece e a justiça campeará ovante!

Olha para ti! olha para ti! assala-riado! repara que tens a forca! Edu-ca-te e usa dela!

José Carlos de Souza.

Liréas e tréatas

Varias e renhidas discussões têm oca-sionado os diversos artigos bem fun-damentados da colaboração de "O Cosmo-polita" entre camaradas, os quais insis-tem em afirmar que os meios são pla-jiados, ao que eu tenazmente me opunha sempre com todos os argumentos que en-contraia á mão.

Entretanto, no numero proximo pas-sado, eu convenci-me de que alguma ra-zão assistia á esses leitores.

O Sr. G. Costal, por exemplo, conta-nos no seu artigo, "Pascoa", a historia de um seu conhecido que depois de cor-rer o "mundo" não precisou "subir ao pincaro" para certificar-se de que a or-ganização social é realmente a mesma:

má em toda a parte. Ao pincaro? Aon-de ficará esse "pincaro" do mundo? O Sr. G. Costal, estreante na litera-tura, quer florescer mas a época é impro-pria. Com este calor as florestas estão atacadas de insolação...

Um amistozo conselho: limite-se á sua cultura.

O nosso amigo... (como direi?) "Na-rigança", não, — si ele tem nariz gran-de é dele e ninguém tem nada a ver com isso — mas, como ia dizendo, o "Agarb" bateu o record no "seu" belo artigo "O Alcool e o tabaco" começa por uma eru-dita citação de frases como estas: "O homem esse já não assegura á sua des-cendencia o cunho dos antepassados" (Eugenio Georje); e vai por ai a fóra numa avalanche de autores citados com erudição assombrosa.

Em seguida dezerolve uma interes-sante palestra a que ele poderia ter dado o seu justo valor com a assinatura que por direito lhe pertencia que é a do Dr. João Pedro da Costa.

E' o cazo de dizer-se que o Sr. Algarb não sabe onde tem o nariz, o que seria a mais clamorosa injustiça para quem co-mo o Sr. Agarb, tão bem dotado foi pela anatomia.

Moxila.

A anomalia no Restaurante e Bar "Ao Franziskaner"

Como prometeramos no numero pro-ximo passado, aqui estamos novamente es-grimindo as armas da justiça e da razão contra a anomalia reinante no estabeleci-mento que serve de epigrafe a este arti-go, em continuação ao primeiro já publi-cado sobre o mesmo assunto.

Embora fosse aceita a gentil oferta do improvisado "cozinheiro" tripeiro, e ele ostentasse dezerolve todas as suas ener-gias accumuladas, em beneficio dos seus senhores, como bom escravo, a situação cada vez se tornava mais aflixa e meli-droza para os senhores proprietarios do conhecido restaurant.

O esforço sobrehumano empregado pelo "mestre cuca" sr. "Alcanora" em deiza, dos interesses sagrados dos seus amos e senhores perdeu-se no abismo insoldavel do nada.

Todo o altruismo esteriorizado pelo he-roísmo portuense, no momento de critica si-tuação em que se tinham colocado os seus donos, desespouse no espaço como uma bolha de sabão, sem deixar vestíjios da sua passagem na vida associativa como ho-mem digno de conviver com trabalhadores ativos que ainda mantêm intatas muitas das boas qualidades que em si concretiza essa palavra sublime que define o ser hu-mano, HOMEM!

A tração do homenzinho, pondo os seus serviços á disposição dos srs. Mau-ricio, Jayme e Antonio, em nada absolu-tamente modificou a situação critica dos srs. proprietarios.

Eles de momento compreenderam bem a gravidade da situação, mas tinham dado a palavra num momento irrefletido de neurastenia e tornava-se necessario man-ter a intata para gloria da sua geração e prejuizo dos seus interesses economicos que seguramente os viam estremer, e por um mero capricho consentiam ao golpe terrível de destruição que os ameaçava absorver, antes que escutar os clamores do direito e da justiça, que lhe propun-ham tranzizisse nas suas egoisticas pre-ferências de exploradores.

Vendo que a situação cada vez se to-rnava mais intoleravel rezolveram os "va-lientes Quijotes" decer do seu "alto" pe-destal de patões orgulhosos, e vir hu-mildemente ao solo da "canalha" em pro-cura de auxiliares capazes de lhe ganha-rem em pouco tempo muito dinheiro.

Procuraram, mas não encontraram um chefe á sua feição.

Todos eram grevistas e tinham ideias revolucionarias.

Eram, portanto, "perigozos" cosmopo-litas.

O que fazer em tão critica situação?

Um recurso lhe restava, eram os cozi-nheiros allemães, que em parte podiam melhorar a situação.

Sem mais discussão rezolveram unani-memente os tres hoteleiros fazer dezem-barcar os "boches".

Apelaram para a ultima taboa de sal-vação, como naufragos em perigo de vida.

A prova da falta de conhecimentos administrativos, e da pouca intelligencia posta em evidencia pelos srs. proprietarios do "Ao Franziskaner", dispensando todos os seus auxiliares da cozinha num momento de irrefletida vingança, é con-firmada novamente no ato de decidirem arrancar dos porões de um navio carvoeiro o cozinheiro chefe e ajudantes que haviam de, no futuro, dirigir o ser-viço na cozinha do seu estabelecimento.

Mas, porventura, esses pobres e infel-izes patriotas allemães, que por motivos de forca maior estavam estacionados no por-to do Rio de Janeiro, tinham as aptidões necessarias e conhecimento pratico do serviço culinário para assumir a respon-sabilidade de uma cozinha de restaurant?

Acostumados a fazer o celebre calde-irão de "lavadura" a bordo de um navio carvoeiro, seriam capazes de preparar um "menú" que preenchesse as eszências dos impertinentes gastronomos que fre-quentam o restaurant "Ao Franziskaner"?

Seriam eles capazes de esticar a mate-ria prima de acordo com os lucros que os tres "Quijotes" estavam acostumados a auferir todos os anos?

Seriam capazes de manter um certo respeito, um principio de ordem neces-sario entre o pessoal da cozinha e o da sala?

Estas perguntas formuladas em hipote-zes pelos tres ineptos patrões, no momen-to em que partiram para bordo do car-gueiro allemão, foram negativas na ex-periencia pratica.

Trouseram de bordo o chefe do ran-cho do carvoeiro e introduziram-no com todas as honras de estilo nos fundos da cozinha.

Depois de colocado na porta da cozinha subitamente começa o pitoresco especta-culo.

Estabelece-se a confusão e a anomalia reina por todos os cantos da casa.

Alguns calxelos falam russo, outros gallego e outros castelhano e vasco.

Da cozinha respondem num estropeado francez e em alemão.

Começa a inana. O suposto chefe dá inleto á preparação das suas caldeiradas á moda da Polonia, enquanto os calxelos atrapalhados comentam a dificuldade em se comprehender na hora de serviço a cozinha com a sala.

Alvarado.

Pelos Restaurantes

ALFINETADAS

"ROTISSERIE" RIO BRANCO

Um conselho util ao Sr. Hermida, socio desse estabelecimento: porque não faz com que o seu querido mano Domingos retorne ao seu antigo mis-tér de apascentar gado no Alto da Boa Vista, profissão que abandonou pouco tempo antes de ir ocupar o lo-gar de "garçon" na "Rotisserie"?

Em homenagem á verdade e á jus-tiça, devemos declarar que o improvi-zado "garçon" Domingos mostrou muito maiores aptidões para o logar de guardador de vacas, do que para "garçon" de um estabelecimento de primeira ordem, como é a "Rotisserie".

Mande-o, pois, o Sr. Hermida, para Campo Belo, Congonhas do Campo, ou mesmo para o Piauí, a terra classica do meu boi morreu!...

Si, porém, o Sr. Hermida, pelo seu estremado amor fraternal, não quizer remeter o seu mano para parajens tão lonjiquas, ainda haverá um outro al-vitre: remeta-o então ali para a ilha do Viana, a trabalhar na descarga do carvão.

Olha que será um duplo beneficio: para a moralidade da desditosa classe dos "garçons" e para os credits do seu estabelecimento.

E já que estamos "com a mão na massa", não podemos deixar de lem-brar-lhe a conveniencia de fazelo acompanhar do gerente Mario, "man-teiga derretida", ou então, já que o Sr. Hermida faz absoluta questão de abrigar-o sob a sua valioza proteção, consiga com o Sr. P. Segreto ou com o Sr. Djalma, um logarzinho de "erou-pier", em que o "menino bibelot" é ca-tedratario... Isto é si quer evitar que a "Rotisserie" para o futuro chegue ao extremo de ter que recorrer aos "pre-ciza-se" dos jornais para obter "gar-çons".

"STADT MUNCHEN"

Cauzon um certo reboliço no "Stad Munchen" o artigo saído no "Cosmo-polita", fustigando as explorações co-metidas no "Stadt Munchen"; e no qual, entre outras coisas, relatava-se a fome que passava o seu pessoal, moti-vada pelo pouco cazo que se ligava ás suas refeições, chegando até a dar-lhes comida azeda.

O Sr. Mota Bastos, deu um solene dezespero com aquelas duras ver-dades, ameaçou céus e terras, abriu in-queritos e devassas e acabou despejan-do "valorosamente" toda a sua cólera sobre uma indefeza criança que ali trabalhava, despedindo-a por supôr que era o nosso informante!

Vai muito mal o Sr. Malabregas, por esse caminho de vinganças pulhas. O Sr. Bastos bem sabe que no terreno das reprezalias, nós possuímos armas bastante contundentes e que as sabe-mos empregar no momento preciso. E olhe que nem toda a verdade foi dita ainda.

X.

A Seára

Era por uma tarde de verão ardente, época em que a terra, de extrema fecundidade, estava na forca da produção. No campo avistava-se a vastidão dos trigais, dos milharais e doutros cereais. Sem temer os rigores do sol escaldante as abelhas saiam em debandada das colmejas, abandonando os zangões, e iam-se por aquelas rejiões proliferas a absorver das corolas das rozas a essencia para o fabri-co do seu mel. Os passarinhos de volta das verdes campinas, a devorar as se-mente das plantas, refujiavam-se do calor mortificante, rumorejando pelos ver-des emaranhados a latejar de canção, com as pequeninas linguas sobressaídas dos bicos não respirar apressado.

Na parreira em volta da seára a pro-dução de uvas fóra enorme naquele ano. Havia dias que uma infecção pernicioza atacara os vinhedos na localidade, e para combater essa enfermidade dis-solvia-se, segundo os conselhos da quimica, sulfato de cobre com enxofre numa certa percentagem d'agua, irrigando-se com essa solução o cepo atacado da enfermi-dade.

Era esse o mistér que andava a fazer o laboriozo cazeiro daquelas terras, de blua de ganda salpicada pela solução que escorria da maquina que carregava ás costas, preza por duas correias.

E lá ia ele, incançavel no seu passo lento, na ancia de melhorar a produção, olhando para traz, a cada instante, a re-parar então, no trabalho já feito; satis-fazia-se, mas, olhando ao mesmo tempo para a frente e vendo a distancia que ainda faltava, descorçoava. Levantava o braço á altura da frente e com a man-ga da blua limpava o suor que escorria abundante, sacudia as vestes cobertas de mosto, e após um prolongado suspiro, emprendia novamente o árduo trabalho metodicamente, calmamente até concluir a tarefa de sulfatar toda a enorme par-reira.

Os raios do sol eram cada vez mais faiscentes, e o cazeiro transpirava de fóma tal que o suor lhe caia em grossas bagas. Mas, satisfeito por ter finalmente vencido a penosa jornada, contemplava como um heroi o anfitrieto de produção da seára, tudo resultado do seu esforço titanico, das enerjias dos seus braços vi-gorozos.

Depressa, porém, passou-lhe pelo sen-tido uma idéa dezoaidora, mas real: O! toda aquela produção que brotava com ezuberancia do sólo era sua obra! Hora ei que com o aussilio da charrúa ou da enxada revolvera muitas vezes a terra fecunda, renovando-lhe as forcas produ-toras, cujos resultados agora surjam em toda a sua poderosa magnificencia...

Mas de que lhe servia que houvesse trabalhado tanto, si o proprietario da quinta, o ociozo, vinha por fim tudo ar-quear, e ele só tinha como retriuição um mizero salario!

Tudo lhe arrebatavam da sua produ-ção, mas um dia virá, — disse ele — que a terra pertencerá a quem a trabalhe, e não mais haverá proprietarios. Enten-tanto, hade o capital coninuar exploran-do o trabalho?

E o homem indignado apertou os pu-nhos furiozamente, ameaçando com cles a abobaa celeste. Os seus cabelos griza-nhos, todos desgrenhaços, num gesto de cólera impotente pronunciava terríveis anatemas, a dezerjar que os elementos naturais se deznecageassem sobre o planeta e exterminasse impiacavelmente todos os seus habitantes, para dar logar ao surto de uma nova geração menos cruel!

Ao proterir estas utimas palavras já os musculos contorciam-se em estalidos dentro do cranio, incharam-se-lhes as orbitas e numa total dezagregação de sentidos e forças, o corpo ezauto, dei-xou-se cair sobre um montao de videiras secas.

O sol ainda mais causticante banhava aquele corpo já imovel. Por cima dos seus grosseiros sapatos passeava um la-garto a morder-lhe a carne.

G. COSTAL.

PARA REFLETIR

A religião é a aliada natural do rico. Quem diz igreja, pressupõe sempre capi-tais immobilizados no culto, sustenta-culo de qualquer classe de bonzos, san-guesugas que vivem á custa dos traba-lhadores. — CAMILO PERT.

O Estado é um autócrata sem igual: tem direitos contra todos e nenhum os tem contra ele. — ERNESTO RENAU.

A injustiça é a peior das dezordens. — CARLYLE.

As lutas dos partidos politicos, para um povo, são o mesmo que para um car-regador o movimento, com que se passa dum hombro para o outro no intuito de procurar um alivio que no fundo é abso-lutamente falso. — MAX NORDOU.

A revolução é uma obra de todos os momentos; tanto é de hoje como de amanhã.

E' uma ação continua, uma batalha quotidiana, sem tregua nem descanso, contra as forças da opressão da explora-ção. — E. T. OUGET.

SOCIEDADE LIGA OPERARIA DE BAJÉ

Da Sociedade Liga Operaria de Bajé, Rio Grande do Sul, recebemos a seguin-te comunicação:

"A" redação d'O Cosmopolita Rio de Janeiro.

E'-me grato comunicar-vos que em sessão de assembléa geral, realizada a 1º do corrente, foi empossada a nova di-retoria que devera rejer os destinos desta sociedade, no periodo social de 1917, a 1918, a qual ficou assim constituída:

- Presidente — Izaías da Silva Soares. Vice-presidente — João Ribeiro Pa-redes. 1º secretario — Amantino de O. San-tos. 2º secretario — Erasmo Devincenzi. Thezoureiro — Antonio Pesce. Procurador — Pedro Ferreira da Silva.

Directores:

Porfirio Rodrigues, Conrado Polino, Anjellino Martins Pedra, José Polino, Luiz Landa, Felecissimo Coitinho.

Conselho fiscal:

Antonio Ferreira da Silva, Ciriaco Lopes Couto, Guilhermino C. Ferreira.

Aproveito a oportunidade para apre-zentar-vos os nossos protestos qa mais alta estima e consideração.

Amantino de O. Santos 1º secretario.

VARIAS

Iniciamos neste numero de "O Cosmopo-lita", a publicação de trechos escolhidos da literatura revolucionaria, em espanno.

O trabalho que hoje publicamos é uma pagina de delicado sabor literario, devida á pena fulgente de Rarael Barret, na qual o eminente publicista uruguaio traça com mão de mestre as agruras aqueces que as cir-cunstancias obrigam a recorrer ao serviço domestico para ganharem o pao de cada dia.

Pedimos aos nossos assinantes, que mu-darem de residencia, comuniquem imedia-tamente a esta redação, afim de que não sejam prejudicados na recepção do jornal.

Aos amigos que dezerjarem colaborar no "Cosmopolita", pedimos que remetam os seus originaes com a possivel brevidade, e, tendo em conta o pequeno formato do jornal, não se alonguem demaziadamente.

DR. JOÃO PEDRO DA COSTA

MEDICO OPERADOR

DA UNIAO DOS EMPREGADOS NO COMR-CIO E DO CENTRO COSMOPOLITA—OCULIS-TA DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Cirurgia em geral e especialidade das vias urinarias.

Tratamento rapido da sífilis, da gonor-réa e das suas complicações

Aplica o 606 e 914

Consultorio: Uruguayana, 8

Fabrica de erveja Oriente

de José Vasques Ferro

Rua Visc. do Rio Branco

30



GARIBALDI

Pitoresc. Parque ao ar livre

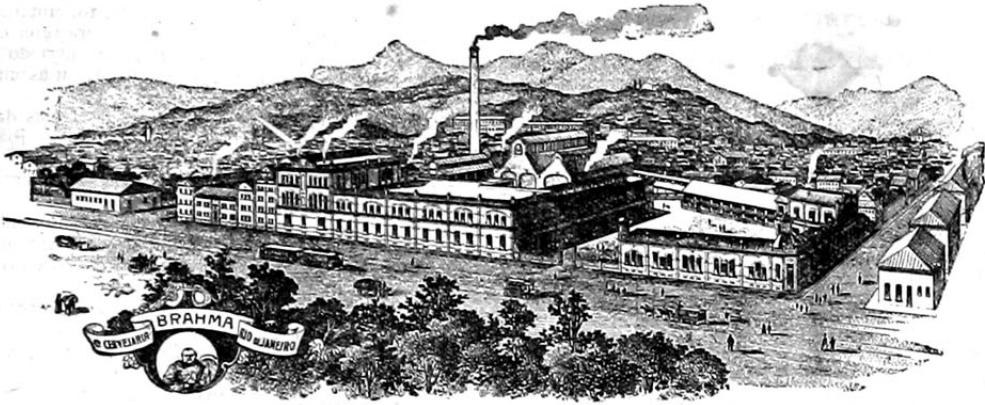
(Entrad. pela rua da Constitui-ção 35)

Telefone — C. 1573

RIO DE JANEIRO

Advertisement for RIO DÃO O VINHO DE MEZA PREFERIDO, IMPORTADORES J. FERREIRA & C., CEVEJA PAK BIER—Estomacal e nutritiva, PRAÇA TIRADENTES, 27.

CERVEJARIA BRAHMA



Recomenda as
suas afamadas
marcas:

BHRAMA

BRHAMINA

TEUTONIA

FIDALGA

MALZBIER

BRAHMA PORTER

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

CENTRO COSMOPOLITA - Séde: RUA DO SENADO, 215 - 217
(Telefone: Central 1499)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbê-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente para barquetes, cazaninos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo.

Aluga o seu vasto salão para festsais, concertos, conferencias e outros atos de reconheida moralidade.

Atende-se a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia.

“CAZA RIST”

DEPOZITO EXCLUZIVO DE PRODUTOS NACIONAIS

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 - Central

BEBAM

CAXAMBU'

A soberana das aguas de meza.

BEBAM

SALUTARIS

A rainha das
aguas de meza

